

Turbulência leva governo a rever projeções

Índices são revistos para pior, mas dívida líquida do setor público deverá cair em dezembro

ADRIANA CHIARINI

RIO – O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério do Planejamento, anunciou ontem a revisão para pior de várias projeções para este ano como inflação, desemprego, investimento e crescimento econômico. A causa básica para essas revisões é a instabilidade no mercado financeiro e a desconfiança do mercado doméstico e internacional com os títulos públicos. O Ipea reviu também as estimativas para o PIB deste ano, de 2% para 1,7%, e a variação para a indústria foi reduzida de 1,1% para 0,4% e a da agropecuária subiu de 1,7% para 4,4%. A boa notícia é que a estimativa sobre a dívida líquida total do setor público, que ficou em 58,6% do Produto Interno Bruto (PIB) em junho, cairá para 57,9% do PIB em dezembro.

“A dívida pública está longe de ter uma trajetória explosiva”, diz o coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Ipea, Paulo Levy. De acordo com ele, hoje o Banco Central deve anunciar que a dívida líquida do setor público subiu em julho para cerca de 61% a 62% do PIB. No entanto, este aumento é causado pela alta do dólar no mês passado, que elevou a parcela da dívida indexada ao câmbio.

Da mesma forma, porém, essa parcela da dívida e, conseqüentemente, o total cairão quando o dólar cair. A previsão do instituto é de que o dólar termine o ano em R\$ 2,77. Levy explicou que o modelo de cálculo para esses cenários é voltado para a análise dos fundamentos, e não das expectativas. “O que vemos é que os modelos baseados em fundamentos apontam para uma taxa de câmbio de equilíbrio bem menor do que a taxa de hoje”, diz Levy. “Todo esse quadro de instabilidade financeira é desprovido de fundamentos.”

O economista considera que as

MENOS BRILHO NO CENÁRIO				
Maior parte das estimativas é revista para baixo	2002		2003	
	Anterior	Atual	Anterior	Atual
Investimento (%)	0,8	- 0,5	4,9	6,1
PIB (%)	2,0	1,7	3,6	3,2
Agropecuária (%)	1,7	4,4	2,6	2,6
Indústria (%)	1,1	0,4	5,0	4,0
Serviços (%)	2,4	2,1	2,8	2,7
Balança comercial (US\$ bilhões)	5,3	7,7	5,4	8,4
Conta corrente (US\$ bilhões)	-20,3	-17,2	-21,3	-17,7
Investimento externo direto (US\$ bilhões)	18,0	17,0	18,0	18,0
Câmbio em dezembro (R\$/US\$)	2,52	2,77	2,73	2,80
Rendimento real (%)	-1,8	-1,7	3,6	1,6
Desemprego (%)	6,4	7,2	5,9	6,9
População ocupada (%)	1,3	1,4	1,7	1,3
IPCA (%)	5,2	6,6	3,8	4,4

Fonte: Ipea

ArtEstado

turbulências – visíveis pelo deságio dos títulos públicos, pelos saques nos fundos de investimento e pela redução do financiamento externo ao Brasil – estão também ligadas à proximidade das eleições. Segundo Levy, o atual pessimismo passará após a escolha do novo presidente, “pois o candidato que passa a ser governo assume outra postura”.

Entre as tabelas divulgadas ontem pelo Ipea, uma mostra que a taxa de renda média vem caindo desde 1997, último ano em que subiu. No último mês divulgado, o de junho deste ano, a renda média estava compatível com o nível entre fevereiro e março de 1995, no início do governo de Fernando Henrique Cardoso.

Mudanças – A projeção para este ano é de uma queda no rendimento de 1,7%. Em abril, a queda projetada era um pouco maior, de

1,8%. A projeção de inflação para este ano subiu de 5,2% para 6,6%. A taxa de desemprego prevista para o último trimestre deste ano foi revista para cima, de 5,8% para 6,8%. Já a taxa média de desemprego em 2002 subiu de 6,4% para 7,2%. Uma das maiores mudanças foi na previsão de investimento para este ano, que passou de um crescimento de 0,8% para uma queda de 0,5%, uma diferença de 1,3 ponto percentual na variação.

O investimento externo direto esperado, que era de US\$ 18 bilhões no boletim de abril, passou para US\$ 17 bilhões na edição divulgada ontem. Entre os indicadores cujas projeções para este ano melhoraram estão o saldo comercial, que passou de US\$ 5,3 bilhões para US\$ 7,7 bilhões, e o déficit em conta corrente esperado, que caiu de US\$ 20,3 bilhões para US\$ 17,2 bilhões. (AE)

PREVISÃO
É DE QUE O
DÓLAR FECHÉ O
ANO EM R\$ 2,77